

# Espaços mentais acionados no processo de escaneamento mental de *frames* de finalidade

*Melina Célia e Souza*

*Orientadora: Maria Jussara Abraçado de Almeida*

Doutoranda

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da conceptualização do tempo em *frames* de finalidade, com base na Semântica de *Frames* (FILMORE, 2006; DUQUE, 2015) e na Teoria de Espaços Mentais (FAUCONNIER, TURNER, 2003; LANGACKER, 1991, 2016). Caracterizamos, para tanto, o *frame* de finalidade como um *frame* descritor de evento, constituído pelo seguinte esquema-X: X atua para alcançar Z. Tal esquema se caracteriza por apresentar um corpo (agente) que, ao movimentar-se, passa por pontos intermediários (ações) que condicionam alcance de uma meta (a realização de um evento), como demonstra o seguinte exemplo: “Governo vai montar ‘força-tarefa’ para ganhar votos contra o impeachment” (Agência BR, 22 mar. 2016). Paralelamente, com base em Langacker (1991, 2016), demonstramos que a conceptualização do tempo em *frames* de finalidade aciona espaços mentais que se encontram nos campos potencial e hipotético. Em outras palavras, a partir de nossas experiências no mundo, de nossas práticas culturais e do modo como nos enquadrados em determinada instituição social, ao evocarmos um *frame* de finalidade, o fazemos com base em determinada perspectiva, projetando a realidade dentro do que entendemos como potencialmente passível de ocorrência. Desse modo, neste trabalho, a partir de dados provenientes de informativos on-line brasileiros, pretendemos analisar os espaços mentais acionados no processo mental de escaneamento de *frames* de finalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica de *Frames*, espaços mentais, tempo, finalidade.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar como a expressão do tempo futuro é projetada em *frames* de finalidade. Para tanto, partimos das seguintes perguntas de pesquisa: (i) Como se

---

constitui o *frame* de finalidade? e (ii) Como se dá a projeção do tempo futuro em *frames* de finalidade?

Partindo do pressuposto de que, devido a sua natureza abstrata, o tempo é conceptualizado em termos de domínios mais concretos e experienciais, por meio de esquemas imagéticos e mecanismos metafóricos, as seguintes hipóteses foram levantadas, sendo as duas primeiras decorrentes do modelo teórico adotado:

- I. em *frames* de finalidade, o tempo é conceptualizado, em primeira instância (ou seja, de modo mais esquemático), a partir do esquema imagético de trajetória;
- II. a evocação de *frames* de finalidade consiste em uma das operações de perspectivação conceptual, inerente à capacidade humana de conceber o mesmo conteúdo de maneiras alternativas e de modo não arbitrário;
- III. em *frames* de finalidade, a finalidade evocada constitui evento futuro situado no âmbito da “realidade potencial”;
- IV. em *frames* de finalidade, observa-se o acionamento de espaços mentais, entre os quais se encontram os das realidades potencial e predizível, onde se situa o alvo final (ou meta) evocado por esse tipo de *frame*.

Os dados analisados são provenientes de notícias contemporâneas de informativos *online*. Por meio de análise qualitativa do *corpus* apresentado e com base em arcabouço teórico da Linguística Cognitiva – Fauconnier e Turner (2002); Langacker, Dirven e Taylor (1999); Langacker (1987, 1991, 2008, 2009, 2016); e Silva (2006, 2008) – apresentamos evidências acerca das hipóteses formuladas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### TEORIA DO *FRAME* SEMÂNTICO

A Teoria do *frame* semântico nos é útil, nesta pesquisa, para caracterizar o fenômeno em estudo: o *frame* de finalidade.

O conceito de *frame* é postulado nos seguintes termos: “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que esses conceitos se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373).

---

Na visão da semântica de *frames*, palavras são estruturas que representam categorizações da experiência, sendo todas essas categorias sustentadas por motivações situacionais, ou seja, por um contexto de conhecimento e experiência.

A compreensão de uma palavra, por exemplo, vincula-se à relação da palavra em questão a conhecimentos acerca de práticas, crença etc., que constituem pré-requisitos para a atribuição de sentido. Esse conhecimento de mundo, fundamentado em experiências sociais, compõe as estruturas denominadas *frames* por Fillmore. Nas palavras do autor:

[...] definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que regulam eventos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; *frame* é a palavra que eu uso para me referir a tais elementos básicos (FILLMORE, 1982, p. 111).

Ainda segundo o autor, a Teoria do *Frame* Semântico, surgida a partir da semântica empírica e indo de encontro ao que preconiza a semântica formal, é “semelhante à semântica etnográfica, ao trabalho do antropólogo que se muda para uma cultura estranha e se pergunta: quais categorias da experiência são codificadas pelos membros desta comunidade de fala através das escolhas linguísticas quando falam?” (op. cit., p. 373). Pontua, também, o autor que a diferença entre a semântica formal e uma semântica que se baseie em dados empíricos se faz notar por conta “desta enfatizar as continuidades, e não descontinuidades, entre linguagem e experiência” (idem).

Conforme afirma Fillmore (2006, p. 373), para entender os conceitos relacionados em um *frame*, é necessário “compreender toda a estrutura em que ele se encaixa; quando uma das partes dessa estrutura é introduzida no texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas.”

Esse processo de construção de sentido se dá, basicamente, pela atribuição de características a conceitos predefinidos, ou seja, “o acionamento de um *frame* adiciona uma perspectiva ao conceito em questão” (DUQUE, 2015, p. 26).

No que diz respeito à categorização dos *frames*, Duque (2015), afirma o seguinte:

Muitos critérios podem ser considerados na categorização dos *frames*, como grau de complexidade, domínio a que pertence (p. ex.: sociedade, política, religião etc.), tipo de expressão linguística a que está associado (categoria gramatical, estrutura gramatical etc.) ou grau de especificidade (ou de universalidade) cultural (DUQUE, 2015, p. 33).

Tomando como base possíveis perspectivas a serem adotadas em uma análise do discurso baseada em *frames*, o autor apresenta diferentes tipos de *frames*, entre os quais está o descritor

---

de eventos, que nos interessa de modo particular, uma vez que suas características podem ser identificadas em *frames* de finalidade. Retomaremos e detalharemos o *frame* descritor de evento mais adiante. Agora, interessa-nos o conceito de esquemas imagéticos (esquemas-I) que, relacionado ao conceito de *frame*, vai respaldar as respostas que vamos propor para as questões motivadoras deste artigo.

Segundo Johnson (1987, p. 29-30, tradução nossa) os Esquemas-I são estruturas dinâmicas “por meio das quais organizamos nossa experiência de maneira que possamos compreendê-la”. Formadas por meio da percepção sensório-motora de nossas experiências mais primitivas – e, basicamente, espaciais –, essas estruturas são acionadas para que possamos compreender domínios mais abstratos com base em domínios mais concretos.

Apesar de constituírem um pequeno grupo de relações esquemáticas, Esquemas-I são a base para a compreensão de significados mais abstratos, podendo estruturar incontáveis percepções, imagens e eventos. Dessa forma, têm como característica fundamental a flexibilidade, ou seja, “podem assumir um número qualquer de instanciações específicas em contextos variados” (op. cit., p. 30, tradução nossa). Esse aspecto multifacetado se deve ao fato de a estrutura interna de um único esquema poder ser entendida metaforicamente. Nas palavras dos de Gibbs e Colston:

Uma das coisas mais interessantes sobre esquemas imagéticos é que eles motivam importantes aspectos de como pensamos, da razão e da imaginação. O mesmo esquema imagético pode instanciar muitos tipos diferentes de domínios, porque sua estrutura interna de um único esquema pode ser entendida metaforicamente (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 241, tradução nossa).

Apresentamos, a seguir, a caracterização do esquema imagético de trajetória, de acordo com Duque (2015, p. 34-35), por entendermos ser esse o esquema base relacionado ao *frame* de finalidade:

- trajetória e ligação entre os pontos da trajetória – cada movimento pressupõe um ponto de partida, um ponto de chegada, uma sequência contínua de espaços que conectam os pontos em uma direção. Os papéis envolvidos neste esquema são origem, meta, pontos intermediários e direção. Quanto à lógica emergente, temos que, se um corpo se desloca de uma origem a um destino ao longo de um percurso, deve passar por cada ponto intermediário do referido percurso. (cf.: Paradoxo de Zenão). Objetivos são emulados nas metas, logo atingir um objetivo é entendido como percorrer uma trajetória, passando por pontos intermediários, até chegar ao

---

destino. A ligação entre pontos intermediários estabelece as noções de contiguidade e causalidade presente em eventos complexos. Se origem e meta se sobrepõem, temos um ciclo. Por fim, a integração entre trajetória e quantidade produz a noção de verticalidade.

Os esquemas-I podem se relacionar a diversos tipos de *frames*, caracterizando a rede formada na construção de sentido. Na chamada de notícia a seguir, por exemplo, o esquema-I relevante é o de trajetória, presumindo deslocamento. No entanto, esse deslocamento é metafórico, relacionando-se ao *frame* social GOVERNO.

(1) Lula vai para Casa Civil; Jaques Wagner, para a chefia de gabinete (G1, 16 mar. 2016).

Os *frames* sociais, segundo Duque (op. cit., p. 36), evocam domínios conceptuais particulares que conduzem nossas expectativas a respeito de determinado modelo social, como o *frame* GOVERNO, apresentado em nosso exemplo. Nesse caso, mesmo não havendo alusão explícita a um cargo, sabemos que ir para Casa Civil refere-se à possibilidade de Lula tomar posse do cargo de Ministro da Casa Civil; já ir para a chefia do gabinete refere-se à possibilidade de Jaques Wagner assumir o cargo de chefe de gabinete. Essas relações são perfiladas porque, uma vez evocado o *frame* social GOVERNO, são acionados os papéis que compõem a hierarquia dessa instituição.

A seguir, analisaremos um exemplo cujo *frame* em foco será o de finalidade, buscando relacionar tal exemplos ao esquema-I de trajetória e às particularidades inerentes ao domínio da finalidade.

(2) Governo vai montar força-tarefa para ganhar votos contra o *impeachment* (Agência BR, 22 mar. 2016).<sup>1</sup>

Em (2), o esquema-I relevante também é o de trajetória mas, nesse caso, o deslocamento presumido é metafórico, relacionando-se ao *frame* social GOVERNO: o governo se desloca

---

<sup>1</sup> É necessário salientar que, embora, por motivos óbvios, nos ocupemos apenas do *frame* de finalidade, para compreendermos a chamada de notícia apresentada, precisamos acionar uma série de *frames* além do *frame* de finalidade: o *frame* de evento que configura o possível roteiro apresentado; o *frame* POLÍTICA, evocado por itens lexicais presentes no trecho; o *frame* OPERAÇÃO MILITAR, evocado pelo item linguístico *força-tarefa*, por meio de mapeamento metafórico, etc.

metaforicamente em direção a um objetivo e, para alcançá-lo, precisa passar por um ponto intermediário, uma etapa que, possivelmente, o levará a sua meta. O esquema-I de trajetória, nesse caso, pode ser representado da seguinte forma:



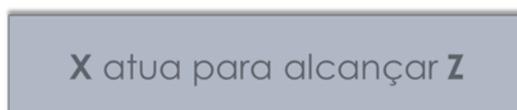
Fig. 1 - Esquema-I de trajetória – exemplo (2).

Em *frames* de finalidade, pontos intermediários são, portanto, ações que condicionam a possível realização de um objetivo. A condição é, dessa forma, uma circunstância *sina qua non* para ocorrência do *frame* de finalidade, pois, como vimos, é uma etapa do “caminho” percorrido no referido esquema imagético.

Neste ponto, retomamos a pergunta (I) da pesquisa:

#### I. Como se constitui o *frame* de finalidade?

Nossa proposta, que busca responder a essa pergunta é a seguinte: o *frame* de finalidade é um *frame* descritor de evento, constituído pelo seguinte esquema-X:



Consideramos ainda que o *frame* de finalidade, objeto de análise deste estudo, evoca um evento que se encontra em um ponto do futuro (descrito em Z), em relação à atuação de X, cujo caráter virtual não garante acesso à realidade esperada pelo conceptualizador. Em outras palavras, eventos futuros evocados em *frames* de finalidade encontram-se no âmbito da não realidade. Contudo, como não estamos tratando do futuro em si, mas do modo como ele é conceptualizado, entendemos, na esteira de Langacker (1991), que os *frames* de finalidade situam o evento futuro no âmbito da “realidade potencial”. A seguir, ao tratamos do tempo sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, analisaremos detalhadamente essa questão.

---

## O TEMPO NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

A abordagem da linguagem como fenômeno cognitivo apoia-se, entre outros, no pressuposto de que a base de conhecimentos para a organização das construções linguísticas é adquirida através de experiências vivenciadas pelos indivíduos em suas comunidades, desde os primeiros anos de vida. Tais conhecimentos, que vão sendo armazenados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes, constituem os domínios cognitivos. Tais domínios não são rígidos nem imutáveis, uma vez que novas experiências vivenciadas pelos indivíduos ao longo da vida podem levar a alterações nas configurações anteriores. São essas estruturas de arquivamento de experiências que são acionadas na composição dos significados linguísticos, podendo ser representadas como esquemas imagéticos, modelos cognitivos idealizados ou modelos culturais (CHIAVEGATTO, 2009).

Segundo Silva (2006, p. 131), existe uma tendência em se conceptualizarem “domínios mais abstractos e complexos em termos de domínios mais concretos e experienciais.” Em outras palavras, “o raciocínio abstrato se baseia no raciocínio espacial, através de projeções metafóricas e esquemas imagéticos” (SILVA, 2006, p. 130). Assim sendo, em nossa mente, o tempo é conceptualizado a partir de relações espaciais. De modo geral, esse processo é resultante da forma como tendemos a categorizar o mundo, a partir de modelos cognitivos e domínios conceptuais básicos.

Langacker (1991) propõe modelos cognitivos idealizados (chamados pelo autor de modelos estruturados de mundo – *structured world models*) que funcionam como domínios cognitivos em termos dos quais é possível entender a relação entre tempo e (ir)realidade.

Devido à necessidade de concisão, neste artigo, apresentaremos o modelo de *momentum* evolucionário (ou modelo evolucionário dinâmico), que é particularmente importante para caracterizarmos o *frame* de finalidade.

De acordo com Langacker, certas sequências de eventos são construídas por conta de ocorrerem sempre que aparecerem as condições apropriadas, e assim será, a menos que uma certa quantidade de energia seja gasta para se opor a, e talvez neutralizar, essa tendência (1991, p. 264). O modo como conceptualizamos o percurso de determinado acontecimento é, portanto, favorecido por determinadas circunstâncias. O *momentum* evolucionário refere-se a essas

características da realidade, que tendem a impulsioná-la em direção a determinados caminhos no futuro, e não a outros.

Aqueles caminhos que não são excluídos são referidos coletivamente como “realidade potencial”. Frequentemente, o momento evolucionário é concebido como sendo forte o suficiente para que o curso futuro da realidade possa ser projetado com considerável confiança, ou seja, no âmbito de uma “realidade projetada”. Com base nessa avaliação, Langacker propõe-nos o seguinte modelo cognitivo idealizado, cuja seta tracejada representa o *momentum* evolucionário da realidade:

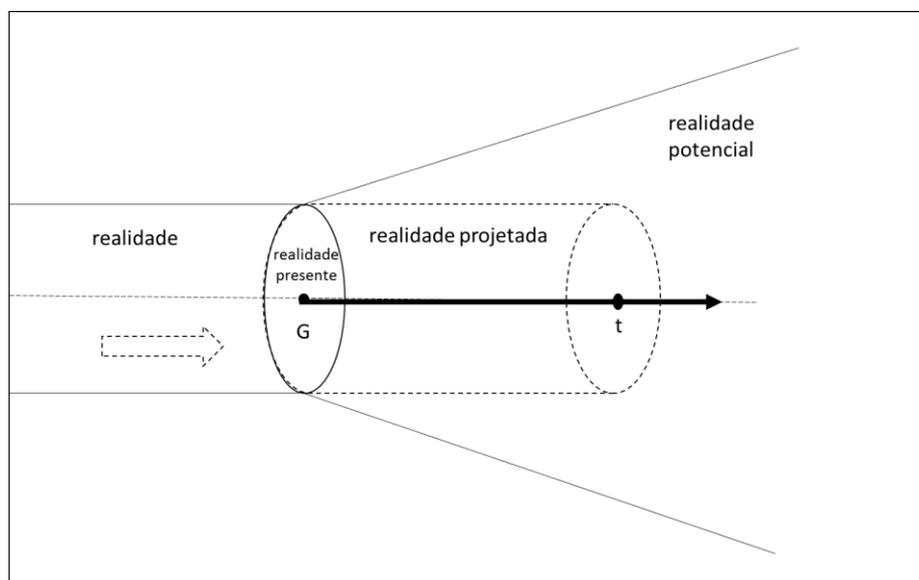


Fig. 2 - Modelo evolucionário dinâmico (LANGACKER, 1991).

De acordo com esse modelo, a partir de nossas experiências no mundo, de nossas práticas culturais e do modo como nos enquadramos em determinada instituição social, ao evocarmos um *frame* de finalidade, o fazemos com base em determinada perspectiva, construindo a realidade dentro do que entendemos como potencialmente passível de ocorrência. Segundo Silva (2006, p. 303, grifo nosso),

[...] as próprias expressões linguísticas, tanto lexicais quanto gramaticais, impõem uma perspectivação conceptual particular no ‘conteúdo’ conceptual que representam, pelo que a escolha de uma entre outras possíveis de modo algum é arbitrária. É esta capacidade de o ser humano, através de determinadas operações de perspectivação conceptual, impor uma estrutura no conteúdo conceptual e poder conceber e representar uma mesma situação da realidade

---

de modos alternativos, uma componente crucial do significado de qualquer expressão linguística. É nisso que o significado é, por natureza, perspectivista.

Na seção a seguir, caracterizaremos alguns dos conceitos-chave da Linguística Cognitiva que respaldam nossa proposta relativa aos *frames* de finalidade.

## FRAME DE FINALIDADE: PERSPECTIVAÇÃO E ACIONAMENTO DE ESPAÇOS MENTAIS

A conceptualização, cujo conceito compreende um dos princípios fundamentais da Linguística Cognitiva, consiste no processo mental por meio do qual damos significado ao mundo. Em outras palavras, significado é conceptualização. Diferentemente do que preconiza a semântica formal, cuja base teórica logicista prevê que o significado possa ser descrito em termos de condições de verdade – adotando assim uma perspectiva assumidamente descontextualizada –, a semântica cognitiva postula que o significado é resultante de uma operação mental de base corpórea social e culturalmente contextualizada. Como explica Silva (2006, p. 307, grifo nosso),

Se o significado é conceptualização, então inevitavelmente tem tudo a ver com a experiência humana. Contrariamente a uma ideia relativamente generalizada, a focalização na conceptualização não implica uma perspectiva descontextualizada da cognição e da linguagem. Bem pelo contrário, como consistentemente argumenta Langacker (1987). Conceptualizamos e verbalizamos através de mentes corporizadas (“embodied”) e em constante interação com o mundo e com os outros. **Não existe cognição fora de contexto, mas sempre cognição em contexto, bem como não existe linguagem humana independentemente da interação e do contexto sócio-cultural.**

Dessa forma, o significado linguístico comporta as diferentes formas por meio das quais nós, sujeitos da conceptualização, (re)construímos esse conteúdo em constante interação social. Nesse sentido, Silva (2008, p. 233) afirma que “a conceptualização envolvida no significado de uma expressão lexical ou gramatical não pode ser caracterizada somente em termos das propriedades do objeto de conceptualização, mas tem que necessariamente ter em conta o sujeito da conceptualização”.

---

Essa capacidade mental, que nos permite conceptualizar o mundo de formas alternativas, é referida por Langacker (1987; 2016) como *construal*, termo que pode ser traduzido para o português como perspectivação conceptual, segundo Silva (2006; 2008).

Langacker (2016, p. 1) define *construal* como a “nossa capacidade de conceber e retratar a mesma situação de maneiras alternativas”. Croft e Cruse (2004, p. 60), ao tratarem da perspectivação conceptual, afirmam que “a contextualização dos participantes da interação afeta a estrutura dos enunciados, [ou seja], a formulação dos enunciados é dependente do conhecimento partilhado, da crença e das atitudes dos interlocutores [...]”. Essa atitude é determinada, em grande medida, segundo os autores, pelo que os interlocutores entendem ou não como as bases que têm em comum, fornecendo-nos, a partir de tais bases, suas perspectivas.

Langacker (2016) aponta quatro dimensões da perspectivação conceptual: seleção, proeminência, perspectiva e imaginação. Uma dessas dimensões é particularmente importante para nossa pesquisa: a imaginação.

De acordo com Langacker (2016), grande parcela do mundo mental que construímos é imaginativa, incluindo as projeções de futuro (*conceptions of the future*). Esses incontáveis “reinos imaginários” construídos por nós, como conceptualizadores, constituem, segundo o autor, “diferentes espaços mentais: separados, mas conectados, como ‘áreas de trabalho’, cada uma hospedando certas estruturas conceptuais” (LANGACKER, 2016, p. 10).

No processo de conceptualização, por meio das ligações entre esses espaços, definimos um caminho de acesso a determinada entidade (o autor denomina tal processo como *abstract mental scanning*); cada caminho de acesso escolhido é um tipo de *construal*. Temos então mais um dos princípios da Linguística Cognitiva: o de que significado é perspectivista.

No que diz respeito às projeções de futuro, foco deste artigo, Langacker traz-nos o seguinte exemplo:

(3) Se Doris for embora, Alice vai chorar.<sup>2</sup>

Em (3), os espaços mentais acionados pelo conceptualizador S (speaker) encontram-se no campo hipotético. Isso acontece porque há uma condição a ser satisfeita para que os eventos se tornem realidade. Vejamos a representação de (3):

---

<sup>2</sup> *If Doris leaves, Alice will cry.*

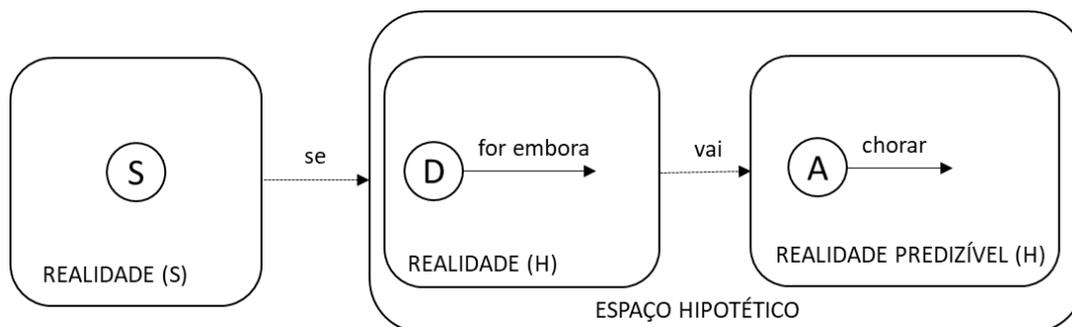


Fig. 3 - exemplo 49(c) (LANGACKER, 2016, p. 10)

No esquema apresentado, podemos notar a presença de: uma realidade ancorada no ato de fala (S), uma realidade ancorada no espaço hipotético (H), e uma realidade predizível, também ancorada no espaço hipotético. De acordo com Langacker (op. cit.), ao atribuirmos conteúdo conceptual a diferentes espaços particulares, evitamos perdas interpretativas, já que sabemos como esses espaços se relacionam entre si e com a realidade. Isso acontece porque, cognitivamente, podemos nos colocar em qualquer ponto dos espaços ativados, devido ao caráter dinâmico do processo de conceptualização.

Considerando, neste trabalho, a conceptualização do tempo futuro em *frames* de finalidade, entendemos que, como ocorre em (3), em que *vai* (*will*) abre um espaço mental cuja realidade predizível ancora-se em um espaço hipotético, as expressões *para* e *para que* (especificamente, em *frames* de finalidade) abrem um espaço mental cuja realidade é também predizível, mas ancorada em um espaço cuja realidade se caracteriza por ser potencial.

## ANÁLISE

A fim de discutir e exemplificar o que foi posto, retomaremos, a seguir, a pergunta (II) desta pesquisa:

### II. Como se dá a conceptualização do tempo futuro em *frames* de finalidade?

Vejamos os exemplos a seguir:

(4) É crime defender intervenção militar no Brasil?

---

*O que era apenas papo de Facebook foi transformado em tema político real neste fim de semana: a possibilidade de uma intervenção militar para “limpar” a corrupção no país. (Gazeta do Povo – 18 set. 2017)<sup>3</sup>*

(5) General da ativa sugere que Exército pode intervir para “limpar” a democracia.

*Se o general Mourão não for punido, por sugerir uma intervenção militar, é sinal de que o comando militar concorda com suas ideias golpistas (Jornal Opção – 18 set. 2017)<sup>4</sup>*

Tais exemplos foram extraídos de informativos *on-line* cujo posicionamento é claramente antagônico quanto ao tema “intervenção militar”<sup>5</sup>. A partir deles, demonstraremos como o futuro foi projetado, por meio do *frame* de finalidade, de modo distinto em função dos diferentes modos de perspectivação assumidos e dos espaços mentais acionados por cada um dos conceptualizadores.

Em ambos os casos, é acionado o *frame* de limpeza, em que são esperados um agente (aquele que realizará a ação de limpar), aquilo que será limpo e o meio a ser utilizado para realizar a limpeza. É interessante notarmos, no entanto, que o termo “limpar”, utilizado por ambos os conceptualizadores, pode ter diferentes acepções. Segundo a ferramenta Dicionário, disponível no Google<sup>6</sup>, estas são algumas das acepções possíveis:

- 1 Tornar(-se) limpo, retirando sujeiras, impurezas, manchas, etc.
- 2 *fig* livrar (lugar) de elemento indesejável ou nocivo.
- 3 roubar, fazer a limpa em; reduzir a zero.

Dito isso, iniciemos a análise dos exemplos. Quanto ao exemplo (4), podemos assim representar a sua dinâmica de espaços mentais:

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/conexao-brasilia/e-crime-defender-intervencao-militar-no-brasil/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/bastidores/general-da-ativa-sugere-que-exercito-pode-intervir-para-limpar-democracia-105444/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>5</sup> As notícias apresentadas referem-se a um acontecimento recente, de grande repercussão, em que o General Antônio Hamilton Mourão declarou a possibilidade de intervenção militar no Brasil. Nas palavras do General: “Até chegar o momento em que ou as instituições solucionam o problema político, pela ação do Judiciário, retirando da vida pública esses elementos envolvidos em todos os ilícitos ou então nós teremos que impor isso.” A fala integral do General pode ser encontrada em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1919322-general-do-exercito-ameaca-impor-solucao-para-crise-politica-no-pais.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Dicion%C3%A1rio>>.

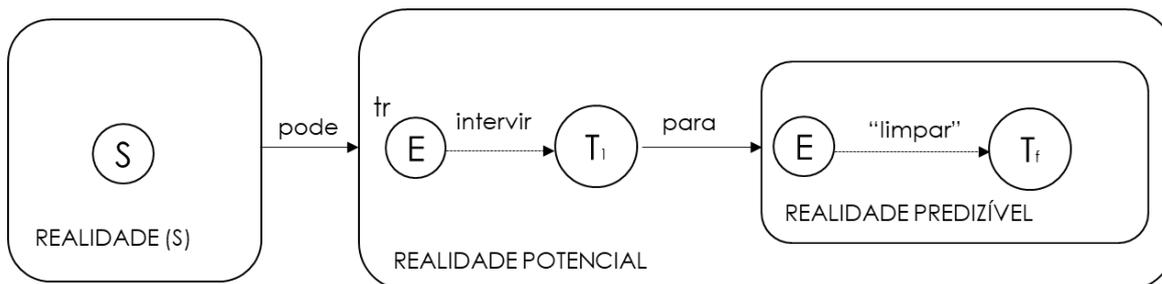


Fig. 4 – Acionamento de espaços mentais (exemplo 4).

Como podemos notar, em (4), a conceptualização evento “‘limpar’ a corrupção no país” ( $T_f$ ) é condicionada pelo evento “intervenção militar”, fato que se encontra no âmbito da realidade potencial. Ancorado em tal realidade, temos que *para* abre um espaço mental cuja realidade é predizível para S (*speaker* – neste caso, o jornalista).

Considerando algumas escolhas linguísticas do conceptualizador, que utiliza, ao longo da notícia<sup>7</sup>, termos como “liberdade de expressão” e “legalidade das ideias de intervenção militar”, além de trazer como argumento de autoridade a fala do “deputado e presidenciável Jair Bolsonaro”, conhecido pelo apoio ao militares, o termo “limpar”, nesse caso, pode ser entendido no sentido de “livrar (lugar) de elemento indesejável ou nocivo”. Podemos entender, portanto, que, do modo como o futuro foi projetado por meio do *frame* de finalidade, a intervenção militar ( $T_1$ ) seria o meio para alcançar a meta: livrar-se da corrupção no país ( $T_f$ ).

Já em (5), a dinâmica de espaços mentais pode ser assim representada:

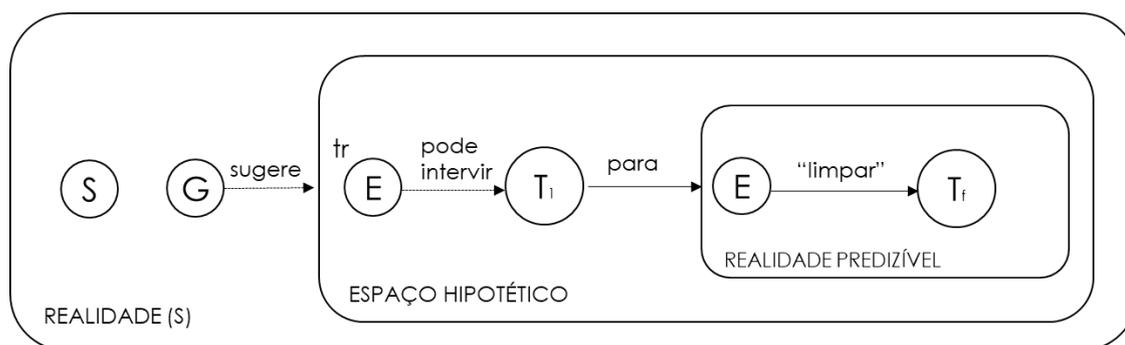


Fig. 5 – Acionamento de espaços mentais (exemplo 5).

Por meio do esquema apresentado, em (5), podemos notar que a conceptualização do evento “‘limpar’ a democracia” também é condicionada pelo evento “intervenção do Exército”.

<sup>7</sup> Devido à brevidade deste artigo, não nos foi possível apresentar a íntegra da notícia citada. No entanto, como já exposto, seu conteúdo pode ser encontrado em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/conexao-brasil/e-crime-defender-intervencao-militar-no-brasil/>>.

---

No entanto, nesse caso, o espaço hipotético encontra-se ancorado na realidade (S), cujo conceptualizador toma por base a fala do general (fato já ocorrido).

Quanto ao uso do termo “limpar”, ao analisarmos somente a manchete da notícia, poderíamos interpretá-lo de formas distintas. A partir das acepções apresentadas, “‘limpar’ a democracia” poderia ser interpretado como “retirar sujeiras da, tornar limpa” a democracia, ou como “livrar-se” da democracia ou, em uma leitura mais direcionada, até como “roubar, fazer a limpa, reduzir a zero” a democracia.

No entanto, ao analisarmos as escolhas linguísticas do conceptualizador ao longo da notícia<sup>8</sup>, que vão desde o termo “ideias golpistas”, presente no lide, até afirmações como “o teor da conferência é, para a democracia, alarmante” e “Em 1964<sup>9</sup>, dizia-se algo parecido”, entendemos que nem todas as interpretações do termo são possíveis, o que nos leva a crer que, ao conceptualizar o termo “limpar” por meio do *frame* de finalidade, o jornalista projeta o futuro de modo distinto do que foi feito em (4). Dessa forma, em (5), a intervenção militar (T<sub>1</sub>) seria o meio para alcançar a seguinte meta: livrar-se da democracia (T<sub>f</sub>) – ou, até mesmo, roubá-la.

Dessa forma, apesar de a condição (ponto intermediário) para se alcançar a meta final ser a mesma em ambos os exemplos, ao compará-los, podemos notar, por meio das escolhas linguísticas dos conceptualizadores, que a projeção do futuro por meio do *frame* de finalidade é realizada com base diferentes modos de perspectivação, o que caracteriza a abertura de espaços mentais cuja realidade predizível é distinta.

Como demonstrado, portanto, em *frames* de finalidade, a projeção do tempo futuro se dá no âmbito da realidade potencial, o que caracteriza o acionamento de espaços mentais como o da realidade predizível. No processo de conceptualização de *frames* de finalidade, a realidade é, portanto, projetada com base em nossa carga experiencial, sendo construída a partir de determinada perspectiva.

Nesse sentido, nossa atitude diante do mundo é inevitável, pois a realidade não é impressa em nossas mentes como uma cópia exata daquilo que ela realmente é. Distintamente, “nossa visão de mundo é mentalmente construída” (LANGACKER, 2016, p. 1). Em outras palavras, o modo como vemos determinado objeto não depende apenas da natureza desse

---

<sup>8</sup> Novamente, precisamos observar que, devido à brevidade deste artigo, não foi possível apresentar a íntegra da notícia, que está disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/bastidores/general-da-ativa-sugere-que-exercito-pode-intervir-para-limpar-democracia-105444/>>.

<sup>9</sup> Ano em que ocorreu o golpe militar no Brasil.

---

objeto, mas do modo como agimos diante dele. Toda escolha linguística implica, portanto, determinada maneira de apreender um conteúdo conceptual.

## CONCLUSÃO

Neste artigo, buscamos analisar como a expressão do tempo futuro é projetada em *frames* de finalidade, demonstrando que:

- em frames de finalidade, o tempo é conceptualizado, em primeira instância (ou seja, de modo mais esquemático), a partir do esquema imagético de trajetória;
- a evocação de frames de finalidade consiste em uma das operações de perspectivização conceptual, inerente à capacidade humana de conceber o mesmo conteúdo de maneiras alternativas e de modo não arbitrário;
- em frames de finalidade, a finalidade evocada constitui evento futuro situado no âmbito da “realidade potencial”;
- em frames de finalidade, observa-se o acionamento de espaços mentais, entre os quais se encontram os das realidades potencial e predizível, onde se situa o alvo final (ou meta) evocado por esse tipo de frame.

Apesar de entendermos que a análise aqui realizada deixa ainda muitas questões em aberto, entendemos ser um passo importante para a descrição do *frame* de finalidade sob a perspectiva cognitivista.

Dessa forma, por meio da análise comparativa empreendida, pretendemos ter respaldado nossa proposta explicativa para os *frames* de finalidade, corroborando um importante pressuposto da Linguística Cognitiva: o de que o significado é perspectivista.

## REFERÊNCIAS

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. Matraga Estudos Linguísticos e Literários, v. 16, n. 24. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. Cognitive linguistics. New York: Cambridge University Press, 2004.

---

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. Revista da Anpoll, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, C. J. *Frame semantics*. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Eds.). Linguistics in the morning calm. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-37.

FILLMORE Charles J. *Frame semantics*. In: GEERAERTS, Dirk (Ed.). Cognitive linguistics: basic readings. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk. Cognitive linguistics: basic readings. Cognitive Linguistics Research, Berlin/New York, n. 34, 2006.

JOHNSON, Mark. The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites. v. 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Foundations of cognitive grammar: descriptive application. v. 2. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_.; DIRVEN, René; TAYLOR, John R. Historical semantics and cognition. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

\_\_\_\_\_. Cognitive grammar: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Investigations in cognitive grammar. Cognitive Linguistic Research, Berlin/New York, n. 42, 2009.

\_\_\_\_\_. Linguistic construal and conceptual analysis. V Workshop do LINC / I Workshop Internacional do LINC. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 28 set. a 4 out. 2016.

SILVA, Augusto Soares da. O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

\_\_\_\_\_. Perspectivação conceptual e gramática. Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos, Braga, n. 12-1, p. 17-44, 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/290790083\\_Perspectivacao\\_conceptual\\_e\\_Gramatica](https://www.researchgate.net/publication/290790083_Perspectivacao_conceptual_e_Gramatica)>. Acesso em: 15 dez. 2016.